

TRÊS SEMANAS COM O MEU IRMÃO

Nicholas Sparks

PRÓLOGO

Este livro foi escrito por causa de uma brochura que recebi, pelo correio, na Primavera de 2002.

Fora um dia normal em casa da família Sparks. Passara boa parte da manhã e do princípio da tarde a trabalhar no meu romance “O Sorriso das Estrelas”, o trabalho não me corria bem e escava desejoso que o dia chegasse ao fim. Não escrevera tanto quanto pensara, nem fazia ideia daquilo que iria escrever na manhã seguinte. Não estava, por isso, na melhor das disposições quando, finalmente, desliguei o computador e dei por concluído o trabalho do dia.

Não é fácil viver com um escritor. Sabia-o porque a minha mulher já me tinha informado desta realidade e voltou a fazê-lo naquele dia. Para ser franco, não é a afirmação mais agradável para se ouvir e, embora fosse fácil pôr-me na defensiva, acabei por perceber que discutir o assunto com ela não resolvia coisa alguma. Em vez disso, tinha aprendido a olhá-la nos olhos, ao mesmo tempo que lhe respondia com aquelas palavras mágicas que qualquer mulher deseja ouvir:

— Meu amor, tens toda a razão.

Haverá quem pense que, por eu ser um autor relativamente bem sucedido, escrever é uma tarefa que faço sem esforço. Muitas pessoas imaginam que ocupo apenas umas poucas horas do dia a «escrevinhar as ideias à medida que me vão ocorrendo», o que me deixaria o resto do tempo livre para descansar à beira da piscina, a discutir com a minha mulher as nossas próximas férias num lugar exótico.

Na realidade, a nossa maneira de viver não difere muito da de qualquer família normal da classe média. Não dispomos de um quadro de pessoal doméstico nem fazemos grandes viagens e, embora tenhamos uma piscina no jardim da traseiras, rodeada de cadeiras de descanso, já não me recordo da última vez em que as cadeiras foram usadas; e não são usadas porque, durante o dia, nem eu nem a minha mulher dispomos de muito tempo para ficarmos sentados sem fazer nada. Eu, por causa do meu trabalho. Ela, por causa da família. Ou, para ser mais preciso, por causa dos nossos filhos.

É que temos cinco. Não seria um número exagerado se vivêssemos na época dos pioneiros mas, nos nossos dias, já é suficiente para sermos olhados de esguelha. No ano passado, durante uma viagem, aconteceu que travámos conhecimento com outro casal jovem. A conversa é como as cerejas e o problema dos filhos acabou por surgir. O casal tinha dois filhos e mencionou-os pelos nomes; a minha mulher engasgou-se com os nomes dos nossos.

TRÊS SEMANAS COM O MEU IRMÃO

Nicholas Sparks

Por momentos a conversa parou, enquanto a outra mulher procurava assegurar-se de que nos estava a ouvir bem.

— Têm cinco filhos? — acabou por perguntar.

— Temos.

A outra pousou uma mão simpática no ombro da minha mulher.

— Perderam o juízo?

Os nossos rapazes têm doze, dez e quatro anos; temos duas gémeas que vão a caminho dos três anos. Apesar de não saber muito acerca do mundo, sei que os filhos têm uma forma engraçada de nos obrigar a sermos objectivos. Os mais velhos sabem que me ocupo a escrever romances, embora por vezes tenha as minhas dúvidas de que eles compreendam o que significa criar uma obra de ficção. Por exemplo: durante uma aula de apresentação, foi perguntado ao meu filho de dez anos qual era a profissão do pai, ao que ele, enchendo o peito de ar, respondeu: «O meu pai passa o dia a brincar com o computador!» O mais velho, por sua vez, já declarou por diversas vezes — com o ar mais solene — que: «Escrever é fácil. Difícil é dactilografar.»

Como acontece com muitos escritores, trabalho em casa, mas as semelhanças acabam aí. O meu escritório não é um qualquer santuário situado no recato de um andar alto; em vez disso, a porta abre directamente para a sala de estar. Já li que muitos escritores necessitam de uma casa sossegada para se concentrarem, mas eu tenho a sorte de não precisar de silêncio para trabalhar. É uma boa característica, pois suponho que, sem ela, nunca conseguiria escrever nada. Gostaria que compreendessem que a minha casa é um pandemónio de actividade, desde a altura em que a minha mulher e eu saltamos da cama, até ao momento que nos deixamos cair nela, no final do dia. Passar o dia na nossa casa é tarefa capaz de esgotar qualquer pessoa. Para começar, os miúdos têm energia. Reservas e mais reservas de energia. Energia em quantidades «assombrosas». Multiplicada por cinco, seria energia suficiente para iluminar a cidade de Cleveland. E os miúdos, por qualquer processo mágico, alimentam a energia uns dos outros, cada um reflecte a energia dos outros, como se fosse um espelho. E é preciso não esquecer o contributo dos três cães e que até a própria casa parece concorrer para a energia geral. Um dia normal inclui: pelo menos um filho doente, brinquedos espalhados de uma ponta à outra da sala que, como por magia, reaparecem logo depois de terem sido arrumados, cães a ladrar, crianças que riem, o telefone a tocar, entregas e envios de encomendas por correio expresso, trabalhos escolares perdidos, aparelhos avariados, projectos escolares para o dia seguinte que os nossos filhos, por qualquer motivo, só nos dão a conhecer no último momento, treinos de basebol, treinos de ginástica, treinos de futebol, treinos de Tae Kwon Do, chegadas e partidas de técnicos de reparação de qualquer coisa, portas a bater, crianças a correr pelo corredor, crianças que atiram coisas, crianças que choram por terem caído, crianças que nos abraçam, ou crianças que choram por precisarem dos pais «naquele preciso momento». Quando os meus sogros nos deixam, após uma semana de estada junto de nós, o caminho para o

TRÊS SEMANAS COM O MEU IRMÃO
Nicholas Sparks

aeroporto parece-lhes demasiado longo. Levam os olhos inchados e mostram a expressão assarapantada dos veteranos que conseguiram sobreviver ao desembarque na praia de Omaha. Em vez de me dizer adeus, o meu sogro abana a cabeça e sussurra-me: «Boa sorte! Vais precisar de muita!»

A minha mulher aceita como normal toda esta actividade em casa. É paciente e raramente se enerva. Na maior parte dos casos, parece até vivê-la «com prazer». A minha mulher, tenho de o admitir, é uma santa.

Ou talvez seja apenas «maluca».

Cá em casa, a abertura do correio está por minha conta. É, afinal, uma tarefa indispensável, que, no decurso da nossa vida de casados, se transformou em mais um daqueles pequenos encargos que me vieram parar às mãos.

Recebi aquela brochura, pelo correio, num dia igual a qualquer outro. Lexie tinha seis meses, estava constipado e não deixava que a mãe o deitasse, Miles tinha pintado a cauda do cão com tinta fluorescente e passeava orgulhosamente a sua obra, Ryan precisava de estudar para um teste mas esquecerara-se do manual na escola, pelo que decidiu «resolver» o problema e gastou todo o papel higiénico que conseguiu enfiar pela sanita abaixo, Landon andava, uma vez mais, a pintar as paredes. Só não consigo recordar o que Savannah estava a fazer mas seria algo de perturbador, pois, apenas com seis meses de idade, já estava a aprender com os irmãos. A isto há que acrescentar a televisão com o som alto, os ruídos da cozinha, o ladrar dos cães, os telefones a tocar, tudo a concorrer para um barulho caótico que parecia tornar-se insuportável. Suspeitei que até a minha santa esposa deveria estar muito perto dos limites. Afastando-me do computador, respirei bem fundo e pus-me de pé. Ao passar pela sala de estar, passei uma vista de olhos por aquele mundo maluco e, com aquele instinto que só os homens possuem, descobri de imediato o que era preciso fazer. Pigarreei, atraí por momentos a atenção de todos e anunciei calmamente:

— Vou ver se o carteiro já veio.

Instantes depois, saía porta fora.

Como a nossa casa se encontra afastada da estrada, é habitual levarmos cinco minutos para ir à caixa do correio e voltar. A barafunda desapareceu no preciso momento em que fechei a porta atrás de mim. Caminhei lentamente, a saborear o silêncio.

Uma vez de volta a casa, verifiquei que a minha mulher tentava limpar a saia, suja de bolo e saliva, enquanto segurava simultaneamente as duas bebés. Landon estava junto dela, de pé, a tentar chamar a atenção da mãe, que ainda fazia o possível para ajudar os dois filhos mais velhos nos trabalhos escolares. Ao ver a maneira eficiente como ela se descartava de tantas tarefas ao mesmo tempo, senti o coração inchar de orgulho; ergui o maço de correspondência, de maneira a que ela o pudesse ver, e anunciei:

— Fui buscar o correio. Olhou para mim, de baixo para cima:

— Nem sei o que faria sem ti! — respondeu. — A tua ajuda é preciosa.

Assenti.

TRÊS SEMANAS COM O MEU IRMÃO

Nicholas Sparks

— Só faço a minha obrigação. Não tens de me agradecer.

Como todas as pessoas, recebo a minha quota de lixo postal. Separei o que era importante daquilo que seria deitado fora. Paguei facturas, dei uma vista de olhos pelos artigos de umas revistas e estava a preparar-me para guardar tudo quando reparei num folheto que, inicialmente, pusera na pilha do lixo. Vinha da associação de alunos da Universidade de Notre Dame e anunciava uma viagem por «Terras dos Adoradores do Céu». A excursão chamava-se «Céu e Terra» e daria a volta ao mundo, durante um período de três semanas, em Janeiro e Fevereiro de 2003.

Interessante, pensei, ao começar a folhear a brochura. A viagem — num jacto alugado — incluiria excursões às ruínas dos Maias da Guatemala e dos Incas do Peru, às estátuas gigantes da ilha de Páscoa e às ilhas Cook, na Polinésia. Haveria também visitas a Ayers Rock, na Austrália; a Angkor Vat, aos Campos da Morte e ao Museu do Holocausto de Phnom Penh, no Camboja; ao Taj Mahal e ao forte ambarino de Jaipur, na Índia; às igrejas escavadas na rocha, de Lalibela, na Etiópia; ao Hipogeu e a outros templos antigos da ilha de Malta; e, finalmente, se as condições climatéricas o permitissem, uma possibilidade de observar as auroras boreais em Tromso, uma localidade situada 480 quilómetros a norte do Círculo Polar Ártico.

Já em criança me sentia fascinado pelas culturas antigas e pelas terras longínquas e, ao ler a descrição de cada uma das visitas propostas, a propósito da maioria delas dei comigo a pensar: «Sempre desejei ver isto.» Era uma oportunidade única de fazer a viagem da minha vida, de ir a lugares que me povoavam a imaginação desde os tempos de menino. No entanto, quando acabei de ler o prospecto, suspirei e pensei: «Talvez um dia...».

Na altura, não podia ser, não dispunha de tempo. Três semanas afastado dos miúdos? Longe da minha mulher? Sem pegar no trabalho?

Impossível. Era ridículo, melhor seria esquecer o episódio. Coloquei o folheto no fim da pilha.

Mas havia um problema: não conseguia esquecer-me da excursão.

É que eu sou um realista; e pensei que, no futuro, a Cat (abreviatura de Cathy) e eu teríamos oportunidades de viajar. No entanto, embora soubesse que, um dia, poderia convencer a minha mulher a visitar o Taj Mahal ou Angkor Vat, não alimentava quaisquer ilusões de a persuadir a ir à ilha de Páscoa, à Etiópia ou às florestas da Guatemala. Por estarem tão fora de mão e haver tantas outras coisas para ver, e tantos lugares aonde ir, as visitas a áreas remotas nunca deixarão de ser incluídas no capítulo de «talvez um dia»... Um dia que, quase de certeza, nunca chegará.

Porém, recorrendo a um golpe cruel, talvez a pudesse levar a visitar tudo de uma só vez; e assim, dez minutos mais tarde, uma vez desaparecida a cacofonia da sala de estar, que terminara tão misteriosamente como tinha começado, encontrava-me na cozinha na companhia da minha mulher, com a brochura aberta em cima da bancada. Como um miúdo a descrever o seu acampamento de Verão, fui apontando os pormenores mais significativos e a minha mulher, que havia muito se habituara às minhas fantasias, limitava-se a ouvir as minhas divagações. Quando terminei, fez um aceno de cabeça.

TRÊS SEMANAS COM O MEU IRMÃO
Nicholas Sparks

— Hum!... — foi o único comentário.
— Isso significa concordância ou discordância?
— Nem uma coisa nem outra. Só gostaria de saber os motivos que te levam a mostrar-me isso tudo. Não me parece que possamos ir.
— Eu sei. Mesmo assim, pensei que gostarias de dar uma vista de olhos.

A minha mulher, que me conhece melhor do que qualquer outra pessoa, sabia que o motivo não era apenas aquele.

— Hum! — repetiu.

Dois dias depois, acompanhava a minha mulher num passeio pelo bairro. Os miúdos mais velhos iam à nossa frente, os outros três seguiam em carrinhos, e aproveitei para levantar de novo a questão da viagem.

— Estive a pensar na excursão — disse, com ar desprendido.

— Que excursão?

— Aquela viagem à volta do mundo. A do folheto que te mostrei.

— Porquê?

Respirei fundo:

— Bem... gostarias de ir?

Ela deu mais uns passos antes de responder:

— É claro que gostaria de ir. Parece uma maravilha, mas não é possível. Não posso estar longe das crianças durante três semanas. E se acontece alguma coisa? Numa emergência, não teremos qualquer hipótese de regresso atempado. Quantos voos há para um lugar como a ilha de Páscoa? Lexie e Savannah ainda são bebés e precisam de mim. Todos precisam de mim... — admitiu, com a voz embargada. — É provável que outras mães fossem, mas eu não.

Assenti. Sabia de antemão qual seria a resposta dela.

— Não te importarias se eu fosse?

Olhou-me por cima do ombro. Eu viajava muito por causa do trabalho, gastava dois a três meses em cada ano em viagens de promoção dos livros e tais viagens eram sempre difíceis de suportar pela família. Mesmo que nem sempre estivesse disposto a mergulhar de cabeça no caos, não sou completamente inútil nas coisas da casa. A Cat tem uma vida social que a afasta de casa com certa frequência; uma vez por outra, toma o pequeno-almoço com as amigas, faz trabalho regular voluntário na escola, frequenta o ginásio, joga bunco com um grupo de senhoras conhecidas e passeia; ambos sabemos que, para não dar em doida, ela precisa de sair de casa. Nessas alturas, assumo o meu papel de pai solteiro. Porém, logo que me ausento, torna-se-lhe difícil, ou mesmo impossível, fazer qualquer coisa fora de casa. O que não é nada bom para a sanidade mental da minha mulher.

Além disso, os miúdos gostam que estejamos ambos presentes. Quando saio, e admitindo que isso é possível, o caos aumenta, como que a encher o espaço que eu deixei vazio. Nem é necessário dizer que a minha mulher está farta das minhas viagens. Compreende que elas fazem parte do meu trabalho, o que não significa que as aprecie.

Nesta perspectiva, a minha pergunta era perigosa.

TRÊS SEMANAS COM O MEU IRMÃO
Nicholas Sparks

— É realmente importante para ti? — acabou por perguntar. Respondi-lhe com toda a franqueza:

— Não. Se não quiseres que vá, não vou. Mas gostaria de ir.

— E irias sozinho?

Acenei que não.

— Na realidade, estava a pensar em ir com o Micah — respondi, referindo-me ao meu irmão.

Caminhámos em silêncio durante um bocado, até que ela me olhou de frente:

— Penso que seria uma excelente ideia!

Depois de regressarmos do passeio, e ainda sem querer acreditar totalmente, dirigi-me ao escritório para ligar para o meu irmão, que vive na Califórnia.

Ouvi o telefone a tocar, um som mais distante que o de um telefone fixo. O Micah nunca atende o telefone de casa; quando quero falar com ele, tenho de ligar para o telemóvel.

— Ei! Nicky — gorjeou. — O que é que se passa?

Apesar da idade, o meu irmão continua a chamar-me pelo meu nome de criança. Efectivamente, até ao quinto ano, sempre me chamaram Nicky.

— Descobri uma coisa em que poderás estar interessado.

— Diz lá!

— Recebi um folheto pelo correio e... de qualquer das formas, para não me alongar demasiado, gostaria de saber se estás interessado em acompanhar-me numa viagem à volta do mundo. Em Janeiro.

— Que género de viagem?

Passei os minutos seguintes a descrever-lhe os pontos de maior interesse, a folhear a brochura enquanto falava. Quando terminei, registou-se um silêncio do outro lado do fio.

— Estás a falar a sério? — indagou. — E a Cat deixa-te ir?

— Disse que sim — hesitei. — Escuta, sei que é uma decisão importante e por isso não preciso que me respondas já. Ainda dispomos de muito tempo para confirmar a viagem. Só quis que pensasses no assunto. Quero dizer, sei que tens de discutir a questão com a Christine. Três semanas é muito tempo.

Christine é a mulher do meu irmão; como ruído de fundo, ouvia-se choro fraco da filha recém-nascida, a Peyton.

— Tenho a certeza de que estará de acordo. Mas vou falar com ela depois ligo-te.

— Queres que te envie o folheto?

— Pois, claro — respondeu Micah. — Não achas que devo saber para onde vamos?

— Envio-o, hoje mesmo, por correio expresso — concordei. — Sabes uma coisa?

— O que é?

— Vai ser a viagem das nossas vidas.

TRÊS SEMANAS COM O MEU IRMÃO
Nicholas Sparks

À distância, quase consegui vê-lo sorrir.

— Estou certo que sim, maninho. Vai ser, de certeza.

Despedimo-nos e, já depois de desligar o telefone, fiquei a olhar os retratos de família com que ornamento as estantes do escritório. Na maior parte, são fotografias dos miúdos; vi os meus filhos como meninos e bebês; havia uma fotografia com os cinco, tirada pelo Natal, poucos meses antes. Ao lado desta, estava uma fotografia da Cathy e, num repente, peguei na moldura, a pensar no sacrifício que ela acabava de fazer.

Não. Era evidente que não estava entusiasmada com aquela ausência de três semanas. Nem a entusiasmava a ideia de não me ter junto dela, para a ajudar a cuidar dos cinco filhos; enquanto eu passeava pelo mundo, ela ficaria a suportar o fardo por inteiro.

Então, que motivo a levava a dizer sim?

Como já afirmei, a minha mulher compreende-me melhor do que qualquer outra pessoa; e sabia que o meu desejo imperioso tinha mais a ver com a vontade de estar junto do meu irmão do que com a própria viagem.

Esta é, portanto, uma história de irmãos.

É a história do Micah e de mim, além de ser também uma história da nossa família. Uma história de tristeza e de alegria, de esperança e de solidariedade. É a história das maneiras como nos tornámos adultos, das modificações por que passámos e dos caminhos diferentes que seguimos, mas, conseguindo, de certo modo, tornarmo-nos ainda mais chegados. E, por outras palavras, a história de duas viagens; uma viagem que me levou, e ao meu irmão, a lugares exóticos espalhados pelo mundo, e de uma outra, a de toda uma vida, que nos tornou os melhores dos amigos.